



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

AMPLIANDO O CONCEITO DE HOLISMO

Célia Regina Barollo

Mar/2023

O ADOECIMENTO

Poucas pessoas estão atentas ao seu processo de adoecimento e pouquíssimas conseguem perceber os fatores psico-emocionais nele envolvidos.

Além de terem uma atitude passiva diante das doenças, é muito mais confortável que elas sejam imputadas a fatores externos, como vírus ou bactérias. Também é muito mais confortável deixar para o médico a decisão e condução do tratamento, e passivamente tomar os remédios prescritos, do que estabelecer com ele uma parceria e entender seu processo de doença, e juntos encontrarem uma solução que vá à causa do problema e não às suas consequências.

A cultura ocidental baseia-se no paradigma de Isaac Newton (1643-1727) e René Descartes (1596-1650), que conceberam uma visão mecanicista do Universo: tudo funciona qual uma máquina. Por essa visão, trata-se de conhecer detalhadamente cada parte e para nela atuar, sem perceber sua inter-relação com o TODO. Mas sabemos que o TODO na natureza é mais do que a somatória das partes que o compõem e que se juntando as partes **não** obtemos o TODO. Nossa cultura científica nos educa para concentrarmos a atenção no mundo físico e material ao nosso redor e não há dúvida de que essa maneira de olhar o mundo alcançou grandes resultados, mas perdemos a conexão com o TODO.

Entendemos HOLISMO como a visão totalitária do ser humano, ou seja, considerando-o um ser composto de corpo, mente e espírito integrados e interdependentes, e não apenas uma máquina formada de peças e partes. Mas esse conceito pode ser ampliado e aprofundado, visando uma



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

Atribui-se a Hipócrates (c.460- c.377a.C), considerado o “Pai da Medicina”, o surgimento de uma atitude racional diante das doenças, retirando delas o aspecto metafísico; afirmava que as doenças não eram causadas por deuses mal-humorados e vingativos, mas que tinham uma causa natural e podiam ser tratadas. Ensinava que a individualidade e a complexidade dos pacientes deviam ser respeitadas e dava mais ênfase aos cuidados gerais com o paciente que à terapêutica propriamente dita. Admitia o conceito de uma Força Vital, responsável pelo sistema de auto-regulação ou homeostase dos organismos vivos e propunha a necessidade de se conhecer a natureza do homem através de seus atributos individuais, afirmando que havia **doentes** e não doenças. Tinha uma particular preocupação com o estado psicológico do paciente e o efeito do psiquismo sobre o organismo; a saúde física, mental e emocional implicava para ele, antes de tudo, em bons hábitos de higiene e bons hábitos alimentares, além de uma vida levada com moderação em todas as atividades realizadas. Para ele, o médico devia *“fazer bem ao paciente e, antes de tudo, não fazer mal”* - *primo non nocere*.

Estes conceitos implicavam na necessidade de uma abordagem terapêutica voltada ao tratamento do doente, e não apenas de suas doenças, e que ao mesmo tempo atuasse no mesmo sentido do desequilíbrio orgânico - de acordo com o **princípio da semelhança** - para que o organismo retorne ao estado de saúde.

Por outro lado, Galeno (c.129 - c.200), outro importante médico grego, ao contrário de Hipócrates, privilegiava o tratamento das **doenças**, com a prescrição de medicamentos de ação contrária aos sintomas – de acordo com o **princípio dos contrários**. Esta visão médica, que prevalece até nossos dias nos meios acadêmicos ortodoxos e na medicina convencional, encara a doença como um inimigo a ser combatido e não como uma manifestação que está expressando que algo não vai bem no organismo todo. Assim, a proposta galênica fez com que a arte médica recaísse muitas vezes na prática da poli farmácia indiscriminada, com a prescrição de várias medicações para as várias doenças, sem levar em consideração a individualidade do doente, atitude médica que perdura até nossos dias na medicina convencional.

A Homeopatia, sistematizada no século XVIII pelo médico alemão Samuel Hahnemann (1755-1843), legítima herdeira dos preceitos e ensinamentos deixados por Hipócrates, veio retomar seus princípios e instrumentalizar a ciência e a arte médicas, possibilitando o tratamento da totalidade



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

sintomática do paciente e a aplicação do princípio da semelhança, reabilitando o enfoque individual e o tratamento do complexo bio-psicoemocional do ser humano. Hahnemann desenvolveu uma teoria científica completa, satisfazendo todos os requisitos de uma ciência - **experimenta** -> **observa** -> **repete** -> **comprova** - com vínculos e explicações dos vários fenômenos observados e as inter-relações existentes entre eles.

Como bem observou Hipócrates, e posteriormente também Hahnemann, a enfermidade do ser humano é uma entidade única, cujas manifestações clínicas (sintomas) vão se transformando e mudando de local no organismo, e que, embora receba as mais variadas denominações, é sempre a mesma enfermidade, comprometendo cada vez mais profunda e gravemente as estruturas orgânicas do ser. As doenças (conjunto de sintomas) mudam sua forma de apresentação e seu local de manifestação, mas no fundo são **SEMPRE A MESMA E ÚNICA ENFERMIDADE**.

Exemplificando: uma criança logo ao nascer apresenta uma erupção na face que evolui para um eczema em outras partes do corpo; é tratada com pomadas locais e fica “curada” do problema; aos 2 anos, começa a apresentar crises de rinite e de amigdalite, que são “curadas” com vacinas e antibióticos; aos 5 anos começa a apresentar crises de bronquite, que vão se repetindo até os 15 anos e são “curadas” pelo uso de cortisona; aos 18 anos na época do vestibular passa a apresentar dores gástricas que são diagnosticadas como gastrite, faz um longo tratamento e também fica “curada”; aos 21 anos começa a apresentar crises de enxaqueca que se alternam com crises de gastrite e de erupção de pele, sendo tratada com vários remédios e também fica “curada”; aos 28 anos começa a ter insônia e depressão, toma ansiolíticos e antidepressivos, e mais uma vez fica “curada”; aos 35 anos volta a ter crises de asma e de rinite alternadamente, e numa das crises apresenta febre e catarro nasal abundante tratados com anti-térmicos e antibióticos (foi a última vez em que teve febre), e também fica “curada”; aos 42 anos, na época da menopausa, começa a ter depressão e crises de pânico, hemorragia genital, é diagnosticada com um mioma uterino, que é retirado cirurgicamente, e novamente toma remédios antidepressivos e fica “curada”; aos 48 anos apresenta um nódulo de mama que é diagnosticado como câncer de mama, é operada, faz quimioterapia e radioterapia e também é “curada”; após 2 anos tem uma recidiva do tumor em outro local do organismo... Não parece uma história bem familiar? A doença foi mudando de cara, de nome, de forma de apresentação, mas quem esteve doente o tempo todo foi aquela paciente,



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

aquele ser humano cuja enfermidade foi se aprofundando no organismo e se tornando cada vez mais grave. Essa história, com pequenas variações é a que escutamos diariamente em nossos consultórios.

Hahnemann chamava essa única doença crônica do ser humano de “*hidra de mil cabeças*”, numa analogia ao monstro da mitologia grega que, segundo a lenda, foi morto por Hércules (ou Hércules) em um de seus doze trabalhos: a cada cabeça que era cortada pelo herói, nascia outra em seu lugar e, para derrotá-lo completamente, deveria cortar todas as cabeças com um só golpe. Da mesma forma, somente a cura da causa primeira, trará a resolução real e definitiva da totalidade dos sintomas do paciente; por ex: **mentais** – falta de concentração e de memória etc. - **emocionais** – medos, insegurança, mágoas, apetite voraz etc. - e **físicos** – dor de cabeça, de articulações etc.

A física quântica nos revela que a natureza é um conjunto indivisível, no qual tudo está contido: a totalidade do Universo está presente em toda parte e em todos os tempos. Dois grãos de luz ou fótons, mesmo separados por bilhões de quilômetros, fazem parte de uma mesma totalidade; parece existir entre eles uma espécie de reciprocidade enigmática que os mantém em contato permanente, uma comunicação instantânea à distância. TUDO se relaciona com TODO o resto: essa é uma das maiores conquistas da teoria quântica e aumenta nossa responsabilidade enquanto seres dotados de consciência. Fritzjof Capra, em seu livro *O Tao da Física*, discute detalhadamente como a noção de interligação básica da natureza nasce da teoria quântica.

Portanto, pela mecânica quântica, qualquer ato ou movimento realizado em um ponto qualquer do Universo, coloca em jogo forças que implicam o Universo inteiro; tudo o que se passa em nosso minúsculo planeta, está em relação com a imensidão cósmica, como se cada parte contivesse em si a totalidade do Universo, tal qual um holograma. Existe uma interação misteriosa entre todos os átomos do Universo, numa complexa teia de relações entre as diferentes PARTES de um TODO unificado. Há milênios é sabido que o macro e o microcosmo são espelhos um do outro (Hermes Trismegistus); assim, no corpo humano e nos demais seres vivos também existe uma inter-relação das partes.

Assim, quando escutamos uma jovem dizer: “*Lanço mão de qualquer recurso para ficar mais bonita e ter qualidade de vida*”, incluindo nisso cirurgias plásticas de reconstrução do corpo, com lipoaspiração global, inclusão de silicone em várias partes, uso de medicamentos que ainda não têm sua eficácia comprovada e dos quais não sabemos os efeitos em longo prazo, procedimentos que



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

alteram a massa do organismo sem um cuidado com a totalidade - em nome da beleza e do culto ao corpo vale qualquer coisa! Nos perguntamos: que consequências terão na totalidade desse ser essas interferências em sua estrutura orgânica?

Claude Bernard (1813-78), fisiologista francês, partindo de uma visão positivista, elaborou o conceito de meio interno biológico com leis próprias de auto-regulação, e apresentava a doença como o resultado da perda desse equilíbrio biológico, afirmando que os micróbios eram inócuos. Entretanto, os estudos sobre os microorganismos de Louis Pasteur (1822-95), químico e biólogo francês, levaram o meio científico à crença de que as doenças infecciosas têm sua gênese nesses seres vivos, considerados como intrusos indesejáveis, ideias que vigoram até hoje.

Embora em Saúde Pública nos seja ensinado que a doença é resultante da interação entre o **meio ambiente**, o **agente etiológico** e o **hospedeiro**, na prática os médicos se restringem a combater o agente etiológico, sem considerar a possibilidade de fortalecer o hospedeiro antes ou ao invés de eliminar o agente. É certo que existe na medicina convencional uma limitação instrumental para conseguir esse objetivo, mas de qualquer forma, ao longo de séculos de jugo galênico, a prática médica foi deixando de considerar as circunstâncias que estão em jogo na gênese das doenças, levando em conta apenas os resultados.

As pessoas acreditam, e por incrível que pareça também muitos médicos que praticam a medicina convencional, que tirar uma verruga ou tratar uma micose na unha do dedão do pé, sendo um procedimento na parte externa do corpo, não trará consequências. Mas se estivessem atentos, perceberiam que após um desses procedimentos, após “curar” esse problema, outro surgirá em outra parte do organismo em curto, médio ou até em longo prazo. Como dissemos anteriormente, se tudo no Universo está interligado, por que seria diferente em nosso organismo? Reforçando: tratar unicamente a doença apenas a transforma e transfere de local. **É necessário tratar o SER.**

Por outro lado, se considerarmos que existe uma única enfermidade que evolui ao longo do tempo, nas condições de vida intoxicantes que temos atualmente, observamos que existem manifestações ou sintomas que chamamos de **exonerativos** e que atuam como se fossem as válvulas de escape de uma panela de pressão, tais como: secreções nasais, pulmonares, oculares etc., ou



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

manifestações de pele como exantemas, descamações, vesículas etc., e que servem para diminuir as tensões internas, diminuindo a intensidade e gravidade da doença crônica.

Podemos, então, bem imaginar o efeito deletério sobre o organismo o uso de antigripais (lembram da propaganda: “Você está com gripe? Tome tal remédio...”), ou daquela tal “pomadinha” para herpes que todo mundo tem em casa, ou as pomadas para as indesejáveis micoses? Pois é, a supressão de doenças exonerativas sem tratamento do paciente em sua totalidade, poderá vir a desencadear em médio ou longo prazo, doenças degenerativas como câncer, reumatismo, infarto do miocárdio etc. Nesses casos observamos que os pacientes não apresentam febre há 10 ou 20 anos, seu organismo e suas defesas estão tão suprimidas que não conseguem mais ter febre (reação de defesa natural), como no caso de crianças desnutridas que apresentam infecções graves sem apresentar febre.

Desta perspectiva e forma de entender o processo saúde-doença (Hipócrates e Hahnemann), quem nunca fica doente (entenda-se: doenças ou sintomas agudos exonerativos) é porque está muito doente – na intimidade de seu organismo pode estar sendo plasmada uma doença degenerativa. Quem já não ouviu a seguinte frase: “o fulano nunca teve nada e de repente teve um infarto! Ou um câncer!” Então, quando perguntamos aos pacientes na primeira consulta: “Quando você teve febre pela última vez?” E recebemos a quase invariável resposta: “Ah! Doutor, graças a Deus nunca tenho febre e nem lembro da última vez”, isto gera um desânimo diante da desinformação, pois as **doenças exonerativas** são uma proteção contra **doenças degenerativas**.

No caso das vacinas, além das complicações e efeitos adversos em curto e médio prazo, verificados pela própria medicina convencional, podemos imaginar as possíveis implicações de certas vacinas, como a vacina contra a gripe por exemplo, que tiram a oportunidade do organismo lançar mão de processos exonerativos para aliviar a tensão interna e passa a ficar predisposto a desenvolver processos degenerativos em médio ou longo prazo.



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

UM MAL NECESSÁRIO

Os processos exonerativos são incômodos, não resta dúvida, mas são um **mal necessário** para eliminar toxinas (imagine quem vive em grandes metrópoles respirando ar poluído, bebendo água tratada com grandes quantidades de substâncias químicas, comendo juntamente com os alimentos uma infinidade de conservantes, acidulantes, flavorizantes, corantes, defensivos agrícolas etc.) retidas no organismo e que precisam ser eliminadas; são também uma forma de extravasar as decepções, raivas, medos, frustrações que precisam ser exteriorizadas de alguma forma.

Quem já não ficou gripado ou teve uma crise de herpes após um grande estresse emocional, ou não teve uma diarreia por medo, ou excesso de transpiração por ansiedade? O organismo lança mão de mecanismos de auto-regulação tanto fisiológicos (transpiração, diurese, evacuações mais frequentes etc.) como patológicas (catarros, erupções cutâneas, diarreia, vômitos etc.). Aqueles que estiverem atentos perceberão claramente a correlação existente entre esses processos e as circunstâncias psico-emocionais relacionadas acima.

Podemos mais uma vez fazer uma perfeita analogia entre o macro e microcosmo, quando consideramos os mecanismos de auto-regulação: muitos incêndios florestais são mecanismos de auto-regulação e renovação das florestas; a erupção simultânea de vulcões pode levar a uma diminuição da temperatura global da Terra; a ocorrência de períodos glaciais terrestres pode propiciar períodos de recomposição do planeta e podemos imaginar que a explosão de estrelas no Universo também sejam mecanismos de auto-regulação do cosmos. Nosso organismo também tem seus próprios mecanismos de defesa e de recomposição, e quando interferimos nesses processos bloqueando sua manifestação surgem consequências na totalidade orgânica.

As estatísticas de morbidade e mortalidade, e a observação desse fenômeno em nossa prática diária como médicos, vêm mostrando que os indivíduos estão cada vez mais doentes, em idades cada vez mais precoces e com doenças cada vez mais graves. Isso não se deve somente às condições de vida cada vez mais insalubres das grandes cidades, à alimentação inadequada e ao estresse causado pelos



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

novos padrões de comportamento impostos pela sociedade contemporânea tão cruel, violenta e competitiva.

Quando ficamos atentos a esse fenômeno, podemos facilmente observar que sempre que tratamos a PARTE sem considerar o TODO, ocorrem repercussões na totalidade orgânica (em total acordo com os princípios da física quântica), com o surgimento de novos sintomas, às vezes de natureza totalmente diferente e em outro local do organismo, considerados simplesmente como uma nova doença sem qualquer relação com a(s) anterior(es). A frequência deste tipo de fenômeno, já previsto, observado e comprovado há séculos por Hipócrates e por Hahnemann, tem aumentado nas últimas décadas pois o tratamento convencional das doenças tem ficado cada vez mais “eficiente”, levando a “curas” cada vez mais rápidas, e dessa forma aprofundando cada vez mais rapidamente a enfermidade no organismo.

Entretanto, não podemos negar os avanços tecnológicos da medicina e muitas vezes não podemos prescindir do uso de medicamentos alopáticos naqueles casos em que nos encontramos diante de situações de emergência, principalmente as determinadas por acidentes e intoxicações de qualquer espécie. Devemos considerar o desenvolvimento de técnicas terapêuticas, de aparelhos para manutenção da vida e as imprescindíveis drogas chamadas “heróicas”; as técnicas cirúrgicas espetaculares, os métodos propedêuticos e laboratoriais que permitem o diagnóstico precoce de doenças; as técnicas de promoção da saúde e prevenção das doenças no campo da saúde pública. Todos esses avanços tecnológicos e científicos têm enorme valor no aumento da vida média das populações. Entretanto, não podemos deixar de fazer um alerta ao uso indiscriminado de drogas que impedem os processos exonerativos do organismo que, observamos na prática, acarretam como consequência processos degenerativos.

Da mesma forma que não podemos prescindir dos avanços tecnológicos da ciência médica, acreditamos que se os médicos conhecessem melhor as bases filosóficas que regem a Homeopatia e a Acupuntura, se aprendessem a ver seus pacientes como um todo dinâmico e não como um corpo composto de partes, a medicina poderia ser melhor aplicada. Com isso todos ganhariam, principalmente os pacientes, que sofrem sem uma solução real para seus males.